



Prezados Representantes de Estado, Setores  
Empresariais, Industriais e Sociedade Civil e todos  
Participantes da COP 28,

Reunidos na V Longevidade Expo+Fórum, que aconteceu entre os dias 29 de setembro e 1 de outubro de 2023, em São Paulo, Brasil, ficou evidente que encontramos ressonância na esfera pública e na iniciativa privada. O caminho para a visibilidade dos longevos é cada vez mais sólido. Igualmente são os desafios.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, o envelhecimento ativo e saudável representa a maior conquista social dos últimos 100 anos e é, também, um imenso desafio para os próximos cem anos, fato de primordial importância. Temos hoje representatividade institucional no âmbito nacional e internacional. Há o que comemorar! E há muito o que enfrentar! O Brasil é um país muito desigual, com graves desafios de atendimento econômico-social para a população em geral, particularmente para as pessoas idosas, que se ressentem também com as consequências do idadismo, um preconceito tão pernicioso como universal e estruturante. Há muito o que enfrentar, certamente!

Considerando as consequências das crises climáticas, temos constatado que são as pessoas idosas e as crianças as que mais sofrem, em especial as que enfrentam situação de vulnerabilidade e múltipla discriminação, e por

consequência vemos o crescente interesse da população idosa pelos efeitos das mudanças climáticas.

A longevidade e a sustentabilidade se entrelaçam. Sem amanhã não há propósitos e sem propósitos não há presente. Nem para as pessoas idosas e nem para os outros diferentes grupos humanos e não humanos. Somos conscientes da urgência da preservação da vida no planeta Terra! Somos longevos, temos um passado e insistimos em termos, também, um futuro. Sempre com um compromisso norteador: o de incentivar a convivência entre as gerações.

Somos pessoas idosas, sempre com um compromisso norteador: o de estimular a convivência entre as gerações. Nós, longevos, consideramos as urgências que o contexto mundial impõe: as crises climáticas, sociais, políticas e econômicas mundo afora. Integrantes da sociedade, nos responsabilizamos e nos integramos aos processos coletivos que buscam romper com um *modus operandi* que já se mostra perverso e improdutivo.

Estamos conscientes desses desafios e oportunidades de reinventar uma sociedade mais plural, tolerante e inclusiva. E o tempero vem das organizações da sociedade civil que, sem amarras, podem representar as vozes, tantas ainda caladas, daqueles que são mais vulneráveis e invisíveis.

As consequências das mudanças climáticas importam e já são uma realidade para uma população que viverá mais! A ampliação de anos de vida não está cercada dos cuidados específicos e necessários ao asseguramento de vida longa com qualidade. A Resolução 44/7 do Conselho de Direitos Humanos demanda, desde 2020, que os Estados criem e implementem políticas públicas para a população idosa de acordo com as mudanças climáticas.

A Convenção Interamericana de direitos humanos das pessoas idosas reconhece, desde 2015, que a pessoa idosa tem direito a viver em um meio ambiente saudável e

a contar com serviços públicos básicos, devendo os Estados fomentar o desenvolvimento pleno da pessoa idosa em harmonia com a natureza, e garantir o seu acesso em condições de igualdade a serviços públicos básicos de água potável e saneamento, entre outros.

Há ainda, o compromisso global que 193 países se comprometeram em “Não Deixar Ninguém para Trás”, com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável até 2030 - ODS 2030, onde os eixos sociais e ambientais estão entrelaçados em 17 Objetivos e 163 metas. Pensar nas pessoas e nas suas relações com o seu meio, onde o ODS 13 - Ação contra a Mudança Global do Clima visa exatamente a busca por medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos.

A título de exemplo, em São Paulo, maior cidade da América Latina, tivemos picos de temperatura elevadíssimas em pleno inverno, levando a Prefeitura a criar a Operação Altas Temperaturas, que fornece água e frutas em uma tenda fresca para que as pessoas possam descansar. Em suas comunicações e alertas, a população idosa é lembrada e incentivada a participar: as informações sobre a importância de beber mais água e se proteger do sol são ressaltadas a todo momento. Em outras cidades, ações de mitigação e adaptação vêm sendo realizadas, como é o caso da mudança da matriz energética dos ônibus para energia limpa, plantio de árvores, criação de parques, implantação de hortas urbanas, compra de energia limpa no mercado livre, entre tantas outras ações. Exemplos como esses, relevantes com certeza, muitas vezes não têm continuidade e precisam ser multiplicados por intermédio de projetos permanentes.

Inúmeros exemplos ao redor do planeta demonstram que, frente aos desastres ambientais, as pessoas idosas não apenas apresentam vulnerabilidades específicas, mas igualmente potencialidades que devem ser reconhecidas e

aproveitadas. Em diversos casos, por exemplo, seus conhecimentos tradicionais e sua experiência foram fundamentais para mitigar os efeitos da catástrofe e contribuir para a recuperação do território afetado. Deste modo, a população idosa deve ser associada nas três fases da gestão de catástrofes climáticas: na prevenção, durante a ocorrência do desastre e na etapa de reconstrução. Nesse sentido, a Convenção Interamericana de Direitos Humanos das Pessoas Idosas impõe que os Estados Partes adotem medidas de atenção às necessidades específicas das pessoas idosas em caso de desastres, e que as mesmas participem dos protocolos de defesa civil.

Trata-se de uma mudança crucial para o nosso bem-viver!

Estamos envelhecendo juntos a cada minuto, a vida já se tornou mais longa; é preciso também torná-la mais digna.

Trata-se de um compromisso crucial para o nosso bem-viver que depende de conscientização individual e coletiva, isto é, conscientização das nossas práticas como cidadãos coletivamente organizados e associados a ações dos governantes do nosso país e do planeta. Todos esses esforços demandam a elaboração de políticas públicas que envolvam as instituições públicas e privadas. Vemos, portanto, a necessidade de confluir esforços e é nesse caminho que pretendemos colaborar com as urgentes demandas sociais em relação ao enfrentamento das crises climáticas.

Ao longo da realização da Longevidade Expo+Fórum 2023 ouvimos repetidamente que, para chegar bem aos 100, é preciso se preparar. Quanto mais cedo, melhor: nunca é tarde demais. Estamos envelhecendo juntos e precisamos viver este fenômeno como oportunidade de construção do exercício pleno da nossa cidadania, para juntos ressignificarmos questões que viabilizarão uma vida mais plena e, certamente, digna e feliz para todos.

O bem viver dos grupos humanos e não humanos exige transformações para a construção de possibilidades e condições da longevidade. Tais transformações requerem envolvimento dos grupos humanos longevos nas questões e ações que visem à manutenção das condições de vida no planeta Terra. Pelo menos dois desafios podem ser identificados nesse momento (1) Apontar os cuidados específicos e necessários nas situações de crises e desequilíbrios climáticos, em relação à cada vez maior população idosa. (2) Identificar caminhos de maior envolvimento e articulação dos grupos de idosos aos diferentes outros grupos que trabalham no enfrentamento das crises climáticas.

E lembremos sempre: pessoas idosas saudáveis e ativas são resilientes, não são apenas grupos vulneráveis. Através de suas vivências e experiências, mostram a luz no final do túnel, abraçam suas famílias e comunidades, são recursos que apontam soluções, ajudam-nos a viver e sobreviver.

**Nossos cumprimentos,**

**Coletivo Velhices Cidadãs**